

Racionalidades Organizacionais e Relações de Poder na Escola Pública Portuguesa: Construindo uma Gestão mais Democrática

Custódia Rocha, 2007

Palavras-chave: Educação, Racionalidade(s), Poder(es), Gestão

Resumo

Neste artigo, apresentam-se algumas perspectivas teórico-conceituais que focam diversas racionalidades organizacionais e relações de poder na gestão das organizações educativas e, simultaneamente, faz-se a convocação de uma base importante de documentos de uma escola (aqui denominada escola XXY) onde se desenvolveu um “estudo de caso”. Dão um contributo importante a esta análise crítica dos discursos organizacionais todos aqueles discursos que resultam de intervenções públicas feitas por alguns docentes e gestores da escola; aqueles que foram escritos pelos actores alvos de investigação: comentários e testemunhos; aqueles que resultam dos depoimentos que nos foram cedidos por professores e professoras da escola; aqueles que resultam de momentos de *face a face*; aqueles que por nós foram construídos a partir de uma observação directa e simultânea transcrição dos discursos produzidos em contexto de acção; aqueles que constam em actas do conselho executivo, em notícias de jornais, entre outros.

É a análise crítica de todos estes discursos organizacionais que nos permite defender que no quotidiano da escola pública existem um sem número de racionalidades e de relações de poderes em que as mulheres e os homens se vêem envolvidos e que, pela sua complexidade, não são passíveis de tipificação. Todavia, estas relações complexas permitem repensar a compreensão das organizações em termos de poder: o poder não se possui, carece de essência, é relação, não é unidireccional (quando o é trata-se de dominação), a estrutura piramidal só serve para o entender mas trata-se de uma pirâmide difusa, móvel, mutante. Não há pois possuidores do poder, mas sim mulheres e homens que o actualizam dentro das incertezas e ambiguidades da denominada gestão (democrática) das escolas.